

A IMAGÉTICA DE TESEU COMO DISCURSO DE LEGITIMAÇÃO

*Rafael Silva dos Santos*¹

RESUMO

Ao abordarmos as figuras históricas devemos ter em mente os contextos sócias sob os quais estas são produzidas, pois assim podemos entender para que serão utilizadas. Em nossa pesquisa buscamos analisar a figura de Teseu, o herói mítico cuja narrativa nos traz a questão da emergência da *polis* na Ática. A imagem de tal herói encontra lugar na memória ateniense de modo que virá a ser utilizada como forma de afirmação de poder em tempos posteriores.

Palavras-chave: imagética; Teseu; legitimação.

ABSTRACT

In discussing the historical figures we should keep in mind the members contexts under which these are produced, because then we can figure out what will be used. In our research we analyze the figure of Theseus, the mythical hero whose story brings us to the question of the emergence of the polis in Attica. The image of this hero finds place in Athenian memory so that will come to be used as a way of asserting power in later times.

Key-words: imagery, Theseus, legitimation.

Ao longo da história, imagens e símbolos são comumente utilizados como ferramentas na construção de ideias, discursos e verdades, tanto por civilizações inteiras, quanto por alguns poucos indivíduos ou classes que buscam formas de confirmar o seu poder. Nisso, vemos tal uso de imagens com grande força e influência.

¹ Graduado em história e membro/ pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade – NEA/UERJ/IFCH/PPGH. Atuando ainda no referido núcleo na coordenação de cursos de extensão.

A estratégia para a legitimação de poder, por assim dizer, é recorrer à história, a memória e ao imaginário social, através de símbolos e figuras comuns, ou ao menos, conhecidas. É nesse campo que estudaremos a figura de Teseu como um símbolo, cuja imagem fora utilizada como base para afirmar e construir.

De acordo com Jacques Le Goff (1990: 369), *“Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas.”*. Vemos então que esta “preocupação” em reter ou dominar as memórias sempre foi importante para algumas classes, a questão é o porquê? Nosso objetivo nada mais é do que analisar o uso da história e da memória, vendo ainda a construção da mesma através do estudo daquilo que se tem por imaginário social ou memória coletiva; buscaremos também focar toda essa “produção memorial” na figura do herói Teseu, devido a toda uma construção mítica em torno de sua figura, a qual serve como possível objeto de legitimação.

Por memória temos então um produto cultivado entre indivíduos que ocupam um mesmo espaço e que tem por finalidade legitimar e consolidar uma identidade coletiva, formando assim um território, o qual é definido não só por elementos geológicos, mas também por questões culturais, que por sua vez ajudam na formação social. O abastecimento das memórias, das lembranças, dos lugares e ideias comuns é parte fundamental para a construção legitimadora a qual abordaremos. Basta entendermos então que as forças que agem no conceito de memória serão as mesmas que servirão para construir todo o coletivo.

É interessante então notarmos qual viria a ser o papel da memória e sua relação com a história. Se olharmos para a Ática que o biógrafo Plutarco nos traz no tempo da unificação das tribos, veremos um grupo que se valerá de memórias comuns, um povo que terá um lugar histórico definido, uma vez que a construiu com a ajuda das memórias do passado.

Segundo Pierre Norra (1985:14), o que temos por memória hoje já não é mais memória e sim história. Uma vez que, segundo o autor, a história é constituída de memórias, pode-se então criar uma bagagem histórica conveniente ou moldada a partir do que um grupo irá considerar por sua memória.

Se fizermos um paralelo com o pensamento de Le Goff, notamos que existem aqueles que irão se valer desse recurso para manter o seu poder, pois esses tais “senhores da memória” que Le Goff aponta nada mais são do que aqueles que irão legitimar sua força através da memória coletiva. E em nosso caso, Teseu será o “senhor da memória”, uma vez que será ele que irá estabelecer o que lembrar ou não. O mais interessante é que a sua própria figura será retomada a *posteriori* como uma figura a ser lembrada e utilizada. Sendo assim, antes de tudo, buscaremos analisar a figura do herói Teseu em si.

A imagem do herói

Tal herói exista de fato? Não é bem essa a questão, pois se sabemos que se no imaginário social ele existe, isso somente nos basta. Uma cultura como a dos gregos tinha por divinizar e adorar os heróis, e Teseu não foi exceção; a vida de um herói era carregada de exemplos e paradigmas sociais, não que fossem normas éticas a serem seguidas, contudo havia um respeito e, por muitas vezes, uma sacralização a nível público, onde cada cidadão via o herói da polis como um deus, digno de culto.

Teseu não escapa de tal divinização e tão pouco dos rituais em sua memória, e, portanto era uma memória viva, razão essa que torna irrelevante se ele existiu realmente ou não. Se não existiu em carne certamente existiu nos cultos e libações, e o mais importante, no imaginário social do povo. De forma geral, o herói na sociedade helênica era algo de suma importância, não era tão somente um título, mas sim uma

condição, tal como nos trazem os poemas homéricos. Heróis eram homens honrados, dignos, os quais eram iguais entre si e até mesmo entre os deuses; em alguns casos certamente não havia uma diferença clara. Até mesmo entre deuses e heróis as relações eram distintas das com os demais seres humanos. Lembremo-nos das relações pessoais entre Atena e Odisseu, ou Perseu e Zeus, Aquiles e Tétis, e tantos outros heróis que interagem com os deuses tal como se fossem iguais, esses eram os heróis.

Quanto ao mundo dos heróis, Moses Finley coloca que:

“‘Guerreiro’ e ‘herói’ são sinônimos, e uma cultura guerreira organiza-se à volta destes dois temas fundamentais: a coragem e a honra. A coragem é a virtude essencial do herói, a honra o seu objetivo essencial. Toda a norma, todo o juízo e toda a ação, todas as aptidões e talentos têm por função definir a honra, ou seja, realizá-la. A própria vida não pode constituir obstáculo.” (FINLEY, 1965: 108).

Para Finley o herói é uma casta a parte; aquele que está em busca do objetivo central: a honra. E isso o separa dos outros homens. O herói não é necessariamente o ser divino, antes é aquele que vê na honra a realização de toda a sua vida, e nada no mundo pode servir como obstáculo para que este alcance seus objetivos, exatamente como vemos em Aquiles e Heitor, ambos pagaram com as vidas para manterem a honra intacta e serem lembrados pela eternidade; tal como Odisseu, que pela honra da Grécia, ajudou a dizimar Tróia. Colocamos então o próprio Teseu nesse campo; o herói de Atenas fez todas as realizações pela honra que movia o coração dos heróis. O ideal honorífico não estava só presente nos heróis homéricos, mas também se encontrava na própria essência dos heróis gregos em geral.

Em Teseu, tal essência se fazia presente desde cedo. Quando soube de sua origem, o jovem decidiu ir à Atenas encontrar o rei Egeu, seu pai, contudo, inflamado pela coragem e obstinação buscou o caminho mais difícil para Atenas, a fim de que pudesse colocar a sua coragem a prova:

“Aquela época tinha, de facto, ao que parece, produzido homens que, pela força dos seus braços, pela ligeireza dos seus pés e pelo vigor dos seus corpos eram excepcionais e infatigáveis, mas que não faziam, contudo, uso dos seus dons para qualquer fim conveniente ou útil. (...) Era, pois, perigosa a viagem para quem tomasse o caminho por terra do Peloponeso até Atenas. Piteu, na tentativa de persuadir Teseu a viajar por mar, explicou, assim, ao neto quem era cada um dos ladrões e malfeitores e que tipo de maus tratos infligia aos forasteiros. Todavia, desde há muito, ao que parece, que a fama do valor de Hércules inflamava secretamente o jovem; falava dele com extrema frequência; escutava com a maior das atenções quem pudesse descrever como ele era – sobretudo aqueles que o haviam visto e podiam relatar os seus feitos e reproduzir as suas palavras.” (Plutarco, v. 4, 7, 8).

A coragem de Teseu sem dúvida foi a sua força motivadora contra tais malfeitores, desprezando totalmente qualquer aviso sensato, o herói não deixava que nada ficasse entre ele e a grandeza que seus atos viriam a lhe dar, característica essa presente nos heróis homéricos, em Hércules e agora no próprio Teseu.

Mas não podemos simplesmente colocar Teseu como um unificador, mas devemos mostra-lo como ele realmente era: o herói unificador. Ser um herói faria uma diferença muito grande, uma vez que o povo se sentiria mais confiante com um herói do que com um aristocrata. Teseu se torna uma força potente na Ática, ele é aquele que poderia de fato unificar as tribos do território Ático tão somente por ser aquilo que se entendia por herói; alguém destinado a vencer, alguém que visava o lucro da honra mais do que a própria vida, alguém, que em muitos casos, caminhava lado a lado com os deuses.

Teseu era então mais do que um homem, era alguém pertencente a esta tão distinta classe a que conhecemos por heróis. Quando seus planos para a Ática ficaram conhecidos, não foram poucos os que atenderam aos apelos do herói.

Segundo Plutarco² a vontade de Teseu era trazer à unidade as tribos áticas, com um intuito de criar o que conhecemos por *polis*. A ideia de Teseu foi aceita por

² Em sua narrativa, Plutarco descreve que Teseu “ajuntou os habitantes da Ática, que antes viviam dispersos, a fim de formar um só povo.” (v. 24). A questão da unificação começa com essa iniciativa, assim como o chamamento de estrangeiros que quisessem fazer parte da nova comunidade políade.

muitos e, até mesmo aqueles que discordavam do herói, cederam aos apelos deste, pois seria preferível evitar conflito com aquele na posição de herói e tudo o que ela representava. Muitos outros aceitaram tal unificação de bom grado reconhecendo o herói como digno de tal empreitada, o qual se fazia merecedor de tal posição uma vez que, pelas conquistas advindas de sua coragem e de sua honra, ele se tornaria capacitado pelos deuses para desempenhar o papel de líder e unificador.

O imaginário social

Mais uma vez reiteramos que neste caso, a existência do herói na história não é relevante. O que vimos aqui foi a construção e o peso da imagem do herói, a qual pode ser lida e relida de diversas formas afim de se construir o imaginário social. A memória por si só não é nada se não existirem os agentes manipuladores de seu legado, e também uma sociedade que aceite-a. Quando isso ocorre, temos um imaginário social que irá dizer o que é a memória social e posteriormente formulará a identidade. Isso é o que nos traz Bronislaw Baczko: *“A fim de que uma sociedade exista e se mantenha, assegurando um mínimo de coesão, é preciso que os agentes sociais acreditem na ‘consciência coletiva’, isto é, um fundo de crenças comuns que exprima o sentimento da existência da coletividade.”* (Baczko, 1982: 306).

Teseu se valerá das imagens – sobretudo das imagens religiosas para conseguir tal vitória na Ática. Plutarco ainda diz:

“Teseu mandou então deitar abaixo os pritaneus e as salas de conselho locais, aboliu as magistraturas de cada comunidade e ergueu um Pritaneu e uma sala de conselho comum a todos no lugar onde hoje se ergue a cidade. Deu a este Estado o nome de Atenas e instituiu as Panateneias como festa da comunidade. Instituiu também as Metéquias no dia dezesseis do mês de Hecatombéon, que ainda agora se celebram. E depois de abdicar do trono, conforme havia acordado, regulamentou o governo do Estado, começando por ouvir os deuses.” (Plutarco, *Teseu* v. 24).

Quanto à questão do Pritaneu, o autor Fustel de Coulanges (2009: 97), vai estabelecer que este era o lugar onde fogo sagrado – em honra aos deuses da

Acrópole – queimava. Estabelecer o fim das magistraturas e ao mesmo tempo dar fim aos vários cultos dos fogos sagrados na Ática era dar início ao processo de unificação. O autor coloca o fogo como sendo o coração de uma antiga religião doméstica, a qual, segundo Plutarco, com Teseu passaria a ser uma religião pública. Teseu se vale da imagem do passado, da memória coletiva e do imaginário social ático para estabelecer a polis, a qual, por muitos anos após a morte de Teseu, permaneceria como sendo uma cultivadora de memórias e saberes através da sua religiosidade.

Teseu como símbolo

Antes de concluirmos, é viável observarmos o que Teseu se tornou. Como já deixamos claro no decorrer de nosso artigo, o herói é convertido num símbolo principalmente para os atenienses. É válido então analisarmos algumas passagens da narrativa que Plutarco nos traz, para que possamos entender melhor como Teseu passa de herói para um símbolo legitimador dentro do imaginário social da polis de Atenas.

A respeito da lembrança do herói, Plutarco toma sua figura como algo que deve ser lembrado e respeitado, para depois de sua morte. Ele diz: *“Posteriormente, motivos de diversa ordem levaram os Atenienses a prestar honras de herói a Teseu. E não foram poucos os combatentes contra os Persas, em Maratona, que acreditaram ter avistado o espectro de Teseu, armado, avançando contra os bárbaros em defesa da sua causa.”* (Plutarco. Teseu v. 35).

Duas coisas podem ser tiradas dessa passagem, (1) as honras mencionadas nada mais são do que manter viva na lembrança do povo os feitos de Teseu. Sua jornada desde Creta até a sua morte, deram a ele uma vida heroica, digna de ser lembrada. As façanhas de Teseu caem numa interessante questão de patriotismo, onde o herói fez tudo o que pode por sua polis e por tanto, agora será lembrado por ela. (2) Vemos também a imagem do herói sendo literalmente vista pelos atenienses no campo de batalha. Nesse sentido, o espectro de Teseu é a firme convicção de um herói sagrado que permanece com seu povo mesmo após sua morte; trata-se de uma

apropriação póstuma de Teseu com o intuito de garantir ao povo ateniense de que o herói, que um dia lutou por eles, permanece fiel a *polis*. A imagem de Teseu é usada – nesse caso durante a guerra contra os persas – como uma forma de garantir a moral e a legitimidade do espírito ateniense frente aos invasores bárbaros.

Outra questão que, por consequência, podemos analisar é a imagem de Teseu, não apenas como elemento legitimador, mas também como elemento religioso. Heróis tratados como divinos durante suas vidas e mesmo depois de suas mortes, não eram incomuns na comunidade helênica antiga. Teseu também não fugirá a isso; se por um lado, em vida o herói foi honrado e admirado por seus feitos e ascendência divina, por outro, após sua morte, este será tratado com honrarias próprias de um deus. Lembramos também que Teseu já possuía uma relação com o divino, uma vez que sua história se baseia no fato de que ele era filho do deus Poseidon.

Seguindo então essa linha, recorreremos mais uma vez a análise do discurso de Plutarco quando esse narra os fatos ocorridos após a morte de Teseu. *“Depois das Guerras Persas, no arcontado de Fédon, a Pitonisa uma vez consultada pelos Atenienses, ordenou-lhes que recolhessem os ossos de Teseu, lhes dessem sepultura perene em Atenas e lhe prestassem culto.”* (Plutarco. *Teseu* v. 36).

Seria por vontade dos próprios deuses então que Teseu fosse levado de volta à Atenas, agora não mais com um herói mortal, mas sim com um símbolo que deveria ser honrado e cultuado. Plutarco diz:

Está sepultado no meio da cidade, junto ao atual Ginásio. O seu túmulo constitui um lugar de refúgio para os escravos, para todos os humildes e para os que temem os poderosos, já que também Teseu tinha desempenhado o papel de protetor e defensor e acolhia com humanidade as súplicas dos mais desfavorecidos. A festa mais importante em sua honra tem lugar a oito do Pianépsion, data correspondente àquela em que regressou de Creta com os seus jovens companheiros. Também se celebra, em sua honra, o dia oito de cada mês, seja porque ele chegou a Atenas, pela primeira vez, vindo de Trezena, no oitavo dia do Hecatombéon, consoante o relato de Diodoro, o Periegeta, seja porque nenhum outro número combina melhor com ele, na sequência da tradição que o deu como filho de Poseidon. (Plutarco. *Teseu* v. 36).

A ideia aqui é bem clara, Teseu torna-se então um objeto de veneração e culto em Atenas. Possivelmente, segundo Plutarco, Teseu seria lembrado por aqueles mais pobres, os que buscariam refugio dos poderosos. Tal fato levanta outra questão: Seria então Teseu um deus cultuado pelas classes mais pobres? Somente por escravos e menos favorecidos? Ou seria também cultuado como herói sagrado pelas famílias bem-nascidas? O caso da visão de Teseu em meio ao campo de batalha após sua morte certamente levanta a questão de que ele também era um símbolo no exército ateniense. Séculos depois, Pisístrato usaria a imagem de Teseu como fator legitimador. Então o que podemos dizer? Certamente que Teseu foi uma imagem forte, muito após a sua morte até mais do que fora durante sua vida.

Teseu como símbolo é exatamente o que serviria para ser apropriado como um discurso de legitimação de poder, uma vez que ele não foi apenas homem e herói, mas agora também assumiria um lugar entre as muitas divindades da Acrópole.

Lembramos ainda que Teseu descendia dos autóctones de Atenas, sendo assim, é possível dizer que este viria a se tornar uma divindade ou símbolo puramente da Ática, um deus ático que foi nascido daquela própria terra e ali era cultuado. Em sua obra *Vidas* Plutarco narra essa desenvoltura e passagem de Teseu de um simples herói admirador dos feitos de outros, para alguém que se firmaria como um herói divino através de seus próprios feitos.

Concluimos então dizendo que essa figura (Teseu), não se torna tão somente um símbolo morto, não é uma figura que cai no esquecimento; ainda que seja deixado de lado por um tempo, a característica principal de uma figura legitimadora de poder, é que em algum momento, ela sempre irá retornar nos discursos de outros em épocas distintas.

Bibliografia

Documentação Textual

Plutarco. “Vidas Paralelas”. Teseu e Rômulo, 1997, Lisboa.

Referências Bibliográficas

BACZKO, B. (1985), “Imaginação social”, in: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 296-330.

BERENS, E; ZORZOS, G.(2009), *Theseus*, Michigan.

BORGES, J; JUNIOR, I. (2007), “Território, identidade e memória”: 1-8.

CANDIDO, M. (2012), “Minos e o imaginário social do sacrifício de sangue” in: *Práticas Religiosas no Mediterrâneo Antigo*, 83-89.

DE COULANGES, F. (2009), *A Cidade Antiga*, São Paulo.

FINLEY, M. (1965), *O Mundo de Ulisses*, Lisboa.

JOLY, M. (1994), *Introdução à análise na imagem*, Paris.

LE GOFF, J. (1990), *História e Memória*, Campinas.

Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 296-330.

NORRA, P. (1985), “Entre memória e História”, in: *Revista de programas de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, 7-28.

STEVENS, G. (2013), *Theseus*, New York.